

O AMORHORROR

LETÍCIA PASSOS

O AMORHORROR

1ª EDIÇÃO | SÃO PAULO | 2026

 **Fábrica**
de cânones

Copyright © Fábrica de cânones, 2026

O Amorphor © Letícia Passos, 2026



Editor

Eduardo Guimarães

Estagiária de editoração, preparação e revisão

Victória Moreira

Projeto gráfico e diagramação

Regina Dantas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

P322a Passos, Letícia

O Amorphor / Letícia Passos. – São Paulo, SP : Fábrica
de Cânones, 2026.

68 p.

ISBN 978-65-85148-37-5

1. Poesia brasileira I. Título

26-3972

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana

CEP: 04012-010, São Paulo – SP – Brasil

Tel: (11) 98338-2314

@fabricadecanones

fabricadecanones.com.br

*A todos os meus pedaços arrancados do peito,
atirados ao vento, espalhados no chão.*

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: O AUTO-AMORHORROR

- 1. PEITO ABERTO E SANGRANDO • 11**
- 2. JUSTIFICATIVAS OUVIDAS • 12**
- 3. A CRATERA • 13**
- 4. DESEJO • 15**
- 5. OLHOS • 17**
- 6. ENCONTRO • 19**
- 7. VOCÊ • 23**
- 8. O SUMIÇO DAS LÁGRIMAS • 26**
- 9. SE • 28**
- 10. CAMA HOSPITALAR • 30**

CAPÍTULO II: NA COMPANHIA DO AMORHORROR

- 11. SUTILEZA • 33**
- 12. LUZ E SOMBRAS • 34**
- 13. MANHÃ • 35**
- 14. COSTUME • 36**
- 15. O PEIXE E O LAGARTO • 37**
- 16. MAR EM TEMPESTADE • 41**
- 17. NEM SEMPRE • 42**
- 18. OS SETE FANTASMAS • 44**
- 19. COLMEIA • 48**
- 20. O PÁSSARO E O DRAGÃO • 49**

CAPÍTULO III: 0 ANTI-AMORHORROR • 53

21. ESCURO • 55

22. PARTI • 60

23. LUZ • 61

24. CORRENTE DE RETORNO • 62

25. ALIVIA • 65

A.MOR.HOR.ROR [SM]

Situação de horror
que acontece exclusivamente
na presença de amor.
Mistura indissociável de amor
e dor que pode causar: tristeza
insistente; insônia; medo;
desespero; desilusão; sensação
de insegurança; estranhamento
do próprio corpo.

CAPÍTULO I:

O AUTO-AMORRORROR

*“O grande dilema do sistema imune é parar
de atacar quando a guerra foi ganha.”*

Sergio Klepacz

1. PEITO ABERTO E SANGRANDO

Minha pele tem menos barreiras
e arde como o inferno

Cria cicatrizes que se desmancham
em outras feridas
em brutas feridas
em novas feridas

Eu me acostumei a andar com a dor
de esconder feridas abertas

Quero me acostumar a cicatrizar
Mas primeiro preciso
Deixar a dor falar

2. JUSTIFICATIVAS OUVIDAS

Porque tenho uma alergia
Porque tenho uma predisposição genética
Porque vivo sob muito estresse
Porque nasci de cesárea
Porque não recebi amor na infância
Porque tenho depressão e ansiedade
Porque meu fígado está intoxicado
Porque carrego um espírito obsessivo
Porque ainda não escrevi um livro
Porque tenho sarna
Porque me alimento incorretamente
Porque a cabeça esqueceu de algo que o corpo continua
[a lembrar]

Há muito o sol não toca aquele solo árido
No centro, uma cratera vazia onde ninguém é convidado

As tempestades de areia
abastecem desesperança
a quem ousa se aproximar
Se alguém se atreve, o chão se balança, se rasga,
reparte, geme ao descamar

É pele morta
Sangue vivo

Pernas que correm
Sem ter onde parar

Cruzam fronteiras
ocultam pegadas
desafiam o equilíbrio doce
e amargas esperam
a morte chegar

Por trás dos joelhos
se escondem momentos
de rasgados dias
esquecidos segredos

Dentro de uma cratera
há tanta lembrança
suor que escorre da vida
adulta à infância

O receio contorce
mas o desejo estica
para o céu se lança.

O sol nascente revela
o interior da cratera

Sol raia
Veia lança
Raio vivo
Vida pulsa
Verte ventos
Com gosto de manhã

Gosto de sentir os dedos me tocando
Enquanto as unhas raspam longe a solidão

Eu abro os caminhos
Desabrocho à flor da pele para você me fazer
de gente virar fenda
profunda serena
na superfície seca de sentimentos

E então você me convida a um mergulho
Afunda os dedos na minha subjetividade
e de dentro arranca cascas de mim
Eu gosto de assisti-las recém-libertas
voando aos montes para longe do corpo

Fugindo de mim assim como fujo de todos
– menos de você
que insiste em me empurrar mais e mais pra dentro de mim
até que o vermelho-sangue brilhe pra fora das feridas fechadas
recém-abertas de novo e mais uma vez

Não tem fim

Você me procura e eu vou
Você pede e eu te dou carinho doloroso
Que mistura choro e gozo

Eu não quero te querer
Não sei como te perder
Impossível te esquecer
E não reconhecer que você dança pelo meu sangue

E eu arranco-o pra fora
Arranco-o pra fora
Mas nunca o suficiente para sair de vez
Só até fazer dor

Qual o limite da dor?
E por que o que dói também dá prazer?

Nosso ato-ataque acaba quando o prazer se esvai
E fica só a dor – que não se vai tão cedo

A mão atacante
confere-apalpa-acaricia
o que sobra:
A viva carne vermelho-rosa
cor de pele nenhuma
cor do que vai vir a ser

Então os dedos descansam lívidos
E eu estática para não fazer doer

5. OLHOS

Compartilham do mesmo problema
os meus olhos e as lentes do celular:

As retinas já foram expostas a muita luz
Não querem mais se abrir
Precisam descansar



É fim de tarde. O sol se arrasta lentamente entre as montanhas, enquanto eu subo as escadas para chegar em casa. Abro a porta que range, quebrando o silêncio solitário. Os móveis e utensílios ali são o suficiente para o abrigo de uma pessoa, mas não para o seu conforto.

Os últimos raios de sol batem na janela, projetando a sombra da grade na parede. Enquanto cruzo o corredor, minha sombra se agarra à sombra da grade, tornando-se uma coisa só. Fico presa, sem conseguir dar o próximo passo ou emitir qualquer som. A noite entra pela janela, sinto meus músculos se enrijecerem enquanto a escuridão vai tomando conta do ambiente.

Logo fica tão escuro que não sei mais se meus olhos estão abertos ou fechados, se estou viva ou morta. Continuo imóvel, mas começo a sentir um peso sobre a minha cabeça, me empurrando para baixo cada vez mais forte. A escuridão entra pelos meus ouvidos e narinas, consigo senti-la descer pela garganta e passear pelos pulmões. Não consigo gritar nem voltar à claridade.

Abro os olhos e estou deitada na cama. Um fio de luz vindo do poste da rua ilumina suavemente meu quarto, revelando que estou sozinha.

Preciso me lembrar de como respirar.

Ainda não consigo me mexer, alguém está pressionando minha cabeça contra o travesseiro.

Sinto ar saindo pela minha boca e depois entrando com dificuldade nos pulmões, meus braços estão retorcidos e as pernas rígidas, meu coração está acelerado.

Preciso lembrar de como me mexer.

Volto a controlar minha respiração, o coração desacelera, joelhos e cotovelos dão espasmos tentando se movimentar. Os dedos das mãos começam a se mexer livremente, levo-os aos antebraços e começo a coçar minha pele.

Preciso arrancá-la toda.

A coceira sobe pelos braços chegando aos ombros, me arranho como quem acredita que vai arrancar seus males com as unhas. Meu corpo transpira, sentindo a dor dos ataques ao seu órgão mais extenso e externo.

Meu pescoço está úmido de suor, coço para secar, depois a nuca, atrás das orelhas, bochechas. Uma pausa no trabalho com o rosto para arranhar as pernas, que acabaram de voltar a se mexer. Coço as canelas, panturrilhas e atrás dos joelhos, mas a coceira foge para a barriga, depois costelas, até chegar ao meio das costas, e, então, sobe pela espinha e se intensifica na nuca.

Preciso arrancar a minha cabeça.

Coço meus antebraços, empurro meus cotovelos para dentro como forma de evitar levar as mãos ao pescoço, mas é inútil.

Preciso arrancar a minha cabeça.

Então cravo as unhas em meu pescoço e começo a cavar. Sinto o cheiro das feridas recém abertas, a pele descamada que sai debaixo das unhas repousa aos montes sobre o lençol. O som dos arranhões fica mais alto à medida que coço com mais força, as mãos exaustas querem trégua.

Preciso fugir do ataque, mas ele acontece dentro de mim.

Um lapso de sanidade me faz levantar da cama, me espanto com as manchas de sangue gritantes no lençol, mas nenhum som sai pela minha boca.

Sinto frio e a falta da minha pele.

Preciso recompor os nervos em frangalhos. Caminho até a cozinha para preparar um chá, tentando tomar ciência dos acontecimentos mais recentes.

Enquanto encho a chaleira de água, mais um ataque. Atiro longe a chaleira e dou um grito, espirrando desespero, raiva e dor. Volto a arranhar meu rosto com as duas mãos. Testa, bochecha, queixo e desço para o pescoço.

Preciso fazer parar de coçar.

Imediatamente levo as mãos ao peito e começo a cavar. Ultrapasso a pele seca e frágil, rasgo os músculos com as unhas. Com alguns solavancos, derrubo a defesa da caixa torácica e, sem cerimônias, agarro meu coração e o arranco para fora do peito.

O observo em minhas mãos. Está coberto por uma grossa camada de casca de árvore que lhe dá uma aparência semelhante a uma granada ainda não estourada, não sei quanto mais tempo lhe resta antes de explodir.

Me ponho a descascar o coração com as mãos. Removo as cascas secas da superfície e as membranas da camada seguinte, até chegar a um ferido porém pulsante coração, que teve que aprender a pulsar conforme a música e desaprendeu seu próprio ritmo em silêncio. Seu batimento é irregular.

Preciso reaprender a pulsar.

Volto para o quarto com o coração em mãos, deito na cama e o acaricio levemente enquanto canto uma música de ninar. O coração, desarmado, bate buscando tranquilidade. Caio num sono profundo, sem sonhos. Acordo no momento exato de despedida da madrugada.

Com o sol prestes a lançar seu brilho sobre as obscuridades da noite, devolvo o coração à sua casa. Lá fora, os pássaros soltam as primeiras notas da melodia de saudação ao rei sol que se aproxima.

Adormeço novamente, finalmente restaurada.